

TÍTULO DE CIDADANIA

HONORÁRIA

ITAPECERICA

26 / 03 / 2012

Senhoras, Senhores,

Quando o capitão Feliciano Cardoso de Camargo descobriu ouro nas terras banhadas pelo ribeirão Tamanduá e pelo córrego do Rosário, em 1739, certamente não poderia prever o glorioso destino do povoado que ali logo se formou, nem muito menos, poderia antever que algo de sua destemida e romanesca natureza pessoal, de sertanista aventureiro – logo, homem de grande coragem - subsistiria como que um traço permanente da alma do povo desta terra.

O arraial do Tamanduá se formou em 1740 e quatro anos depois foram nomeadas as primeiras autoridades locais.

Em seguida aqui chegou o primeiro vigário, o padre Gasper Álvares Gondin, que construiu a primeira igreja e promoveu tamanho progresso da paróquia que logo atraiu inveja e cobiça de gentes de outras cercanias.

Isso porque, em 1782, a paróquia rendia dezessete mil cruzados de dízimos e foi quando, no dizer de Waldemar de Almeida Barbosa, no seu clássico Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais, o padre Carlos Correia de Toledo, então vigário de São José (hoje a cidade de Tiradentes), pretendeu transformar a freguesia do Tamanduá em simples capela filial da sua matriz, localizada, obviamente, em São José.

A coroa portuguesa lhe deu ganho de causa e ordenou que o vigário de Tamanduá desistisse de sua investidura, de modo que o Padre Toledo pudesse carrear para a sua matriz toda a renda da igreja daquela freguesia.

Munido de tal ordem, o Padre Toledo partiu para Tamanduá, onde encontrou feroz resistência da população local não tendo nem sequer conseguido entrar na igreja.

A resistência continuou, houve inquérito e os responsáveis pela resistência popular foram expulsos do arraial.

Contudo, ainda assim o povo se manteve firme no seu propósito e com tal assomo que insurreição terminou em vitória.

Eis aí um ato de bravura que dignifica as origens desta terra.

A ele se soma o gesto generoso, de profunda significação histórica, com o qual, por ocasião da guerra de independência do Brasil, em 1823, a Vila do Tamanduá mandou para a Bahia, como contribuição para os esforços da luta, que ali se travava, a importância de novecentos e vinte e nove mil e novecentos réis, obtida em subscrição popular.

Isso demonstra ímpeto de independência, também provindo dos costumes desta terra.

A resistência no episódio do padre Toledo e o contributo aos esforços da guerra de independência traduzem duas vertentes que conformaram a psicologia coletiva desta comunidade, a saber, a consciência da ordem e o amor da liberdade.

De resto, tais vertentes são, mesmo, como que substrato permanente da alma do povo inteiro das Minas Gerais.

Em 1790, o arraial transformou-se em Vila e em 1862, a Lei nº 11.048 elevou a Vila à Lei nº. 2975/1882 lhe dado a atual denominação de Itapecerica.

Destacada a ambiência histórica, a atmosfera local, em que sempre viçou a consciência da ordem e continuamente se sentiu o vento da liberdade, volto ao tempo da minha mocidade.

Meu pai exerceu a judicatura nesta terra. Naquela época, em que aqui vivi, eu contava 14 anos de idade. Minha personalidade estava em formação. O espírito desta terra, creio, muito me influenciou, naquilo que me ensinou de tenacidade, de esperança, de dignidade pessoal, de perseverança e, também no que me deu de flexibilidade do espírito e predisposição ao diálogo, no trato das relações sociais e políticas, sobretudo no sentido de pressentir o momento em que os rumos devam ser mudados, atribuindo-me a coragem necessária para fazê-lo.

Com isso, assinado o que há de central nas lições desta terra e destaco que acima de tudo, aqui aprendi o que Afonso Arinos chamava de visão cultural para diagnosticar a hora da mutação.

Assim é o espírito de Minas.

Vale dizer, Minas Gerais sempre transitou no equilíbrio entre ordem e liberdade. Mutação é processo dial tico. Dialética, no sítio do pensamento político, é processo em que ordem e liberdade. Mutação é processo dial tico. Dialética, no sítio do pensamento político, é o processo em que ordem e liberdade são elementos essenciais.

Vejam-se as lições do Marqu s de Paraná, com sua proverbial capacidade de, na frase de Nabuco, mudar de rumo no meio de uma manobra difícil, por ter Teófilo Ottoni, Cesário Alvim, João Pinheiro, Carlos Peixoto, Ant nio Carlos, Virgílio de Melo Franco, Pedro Aleixo e Milton Campos.

A propósito, é de ressaltar um episódio da eleição de Milton Campos , ao governo de Minas.

Naquela época o domínio político do Estado era do PSD, contudo, houve uma dissidência pessedista, sem a qual Milton Campos não se teria eleito governador.

Embora membro do PSD, Ribeiro Pena não participou da dissidência. No compasso entre ordem e liberdade, manteve-se na ordem, é dizer, na estrita fidelidade partidária.

Elegeu-se deputado constituinte, naqueles idos de 1947 para, em seguida, arrebatá-lo, por eleição de seus pares, a vice-governança do Estado.

Mais tarde, nos anos 50, foi presidente da Assembléia Legislativa e secretário de Estado.

Entretanto, no seu futuro, ocorreu um momento que o impeliu à mudança de rumo político. Foi quando ocupou a Secretária de Viação e Obras Públicas, no governo Magalhães Pinto.

A meu aviso, ali houve uma ruptura sua com o pessedismo. Faltaram-lhe com a palavra, relegaram-no a plano aquém de sua estatura política. Ela tinha, pois, suas razões para dissentir.

No compasso, a que já me referi, entre ordem e liberdade, ele, agora, escolhia a liberdade de movimento político, afirmação de independência pessoal, a dizer que sua consciência moral era a só condutora de sua ação política.

Essa transição entre ordem e liberdade, repito, vem da alma das Minas Gerais. Afonso Arinos dizia que alternativas exprimem o equilíbrio que “é da essência do espírito mineiro e consubstancial à democracia”.

Meu pai foi amigo pessoal do deputado Ribeiro Pena. A menção do nome de um traz-me à memória a presença do outro. Vejo-os juntos, na sua conversação infinda, nas suas observação sobre homens e fatos, no seu modo de ver e viver a vida.

Ele são para mim a recordação de um mundo perdido.

Volto a 1947, tempo que nos leva por caminhos ainda mais surpreendentes. A eleição para vice-governador, naquela época, era indireta. Eram eleitores os deputados estaduais. Ribeiro Pena, do

PSD, estava correndo. Ele ganhou pela diferença de somente um voto.

Havia um deputado, eleito pelo Partido Democrata Cristão, da região do Vale do Rio Doce, que tinha um irmão, também deputado, esse último pertencente ao PSD. Um irmão convenceu o outro. O deputado Democrata Cristão foi quem deu o voto decisivo, com o qual Ribeiro Pena foi eleito vice-governador.

Esse deputado foi jurista Jason Albergaria, que anos mais tarde veio a se tornar o meu sogro.

Há, pois, um como que fio condutor, a enlaçar a minha vida ao destino social, jurídico e político de Itapecerica.

Com muito orgulho, recebo hoje o título de cidadão honorário desta terra, bem como também recebo a medalha Ribeiro Pena.

O fato de aqui ter vivido parte de minha mocidade, o fato de meu pai aqui ter exercido a judicatura, o fato de o meu sogro ter sido decisivo para a eleição de Ribeiro Pena à vice-governança da terra mineira ligam-me a este chão e ao seu povo, contudo, são maiores do que o sentimento que trago comigo, no qual transitam lembranças inúmeras de dias felizes. Esse sentimento é o de que sempre me vi como igual entre os filhos desta terra. Ao meu modo, sempre me senti como seu filho. Na antiguidade se dizia que a nossa pátria está onde está o nosso coração. Assim, esta é também a minha pátria.

O tempo em que aqui vivi povoa a minha memória. O que aqui aprendi reflete-se no homem em que me tornei. A homenagem que hoje me prestam renova-me. Dá-me forças.

Muito Obrigado!